

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO—1 DE ABRIL DE 1881 — ESCRITORIO—FERNANDES THOMAZ, 128	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)		N.º 1
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 "		Semestre.....	1200 "	
	Anno.....	1400 "		Anno.....	2400 "	

FRANCISCO RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

Não é uma phrase banal se dissermos que o *Bombeiro Portuguez* honra hoje as suas paginas dando á estampa o retrato d'um benemerito.

Na pleiade dos batalhadores da paz, figura em primeira plana Francisco Rodrigues da Conceição, ajudante da Inspecção dos Incendios de Lisboa. E' um dever que cumprimos apresentando aos nossos camaradas um modelo de bons exemplos, um bombeiro como os que o sabem ser.

O ajudante Conceição é filho d'um artista laborioso e honrado do Arsenal de Marinha e herdando de seu pae a nobresa da sua profissão ali se tem conservado querido dos seus companheiros e estimado pelos seus superiores que têm sobejas provas da sua actividade e zelo.

Abrigando na sua alma generosa e franca o sentimento da liberdade que seduz todo o homem do coração, vemol-o militar em 1836 no batalhão dos operarios do Arsenal de Marinha tomando parte nos acontecimentos politicos que por essas épocas agitaram a nossa terra. Serenadas as cousas voltou para o seu trabalho mas o seu animo necessitava expandir-se, necessitava de campo a sua energia e buscou-o no serviço de incendios para onde entrou na qualidade de segundo patrão em 8 de abril de 1849, sendo nomeado primeiro patrão. Em 27 de outubro de 1853 pelos relevantes serviços que prestou por occasião do incendio na fabrica do Dejean, é louvado publicamente pelo seu inspector.

A medalha de prata, a distincção mais honrosa que conhecemos, vem premiar em 25 de janeiro de 1859 a sua dedicacção no incendio da rua Nova do Al-

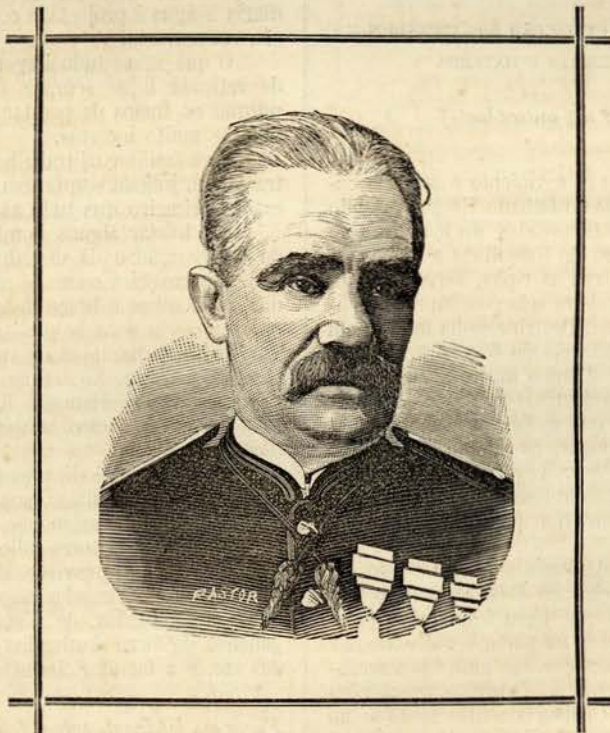
mada. Em 9 de agosto de 1860 é nomeado chefe da 4.ª brigada e em 7 de janeiro de 1865 o incendio do largo de Barão de Quintella proporciona-lhe ensejo de ser novamente louvado pela Camara municipal e pelo seu inspector que com a mesma honraria o distingue em 17 de julho de 1867 por occasião do incendio da rua da Barroca e um anno depois, em 17 de julho de 1868, por occasião do incendio da rua do Loreto.

Em 7 de junho de 1868 a sua competencia e muita aptidão levam-o a ser nomeado inspector de manobras de bomba, cargo que deixou quando foi em 1 de fevereiro de 1869 nomeado chefe da 2.ª companhia.

Um anno depois em 3 de janeiro de 1870, vemol-o outra vez digno dos louvores do seu inspector pelo seu procedimento no incendio da travessa de André Valente. Em 15 de setembro de 1872 é encarregado de instruir nos signaes de apito a corporação e n'essa commissão revelou mais uma vez a sua competencia. Em 18 de maio de 1874 a sua promoção a segundo ajudante vem premiar os seus serviços.

Como se o ajudante Conceição estivesse apostado a praticar só actos dignos de louvor, por uma portaria do Ministerio do Reino e pelo seu inspector são exaltados os serviços que prestou no fogo da Relação em

10 de setembro de 1874. Nomeado primeiro ajudante em 23 de dezembro de 1875, Francisco Rodrigues da Conceição tem dado provas d'uma actividade e energia que o tornam sincera e cordialmente estimado pela população de Lisboa costumado a vel-o o primeiro no perigo, o ultimo no descanso. A sua affabilidade natural, o seu caracter leal e franco tem-lhe acarretado a sympathia dos que com elle tractam e não deve ser menos grato para sua alma aberta e generosa a maneira como os seus subordinados o estimam e presam.



O ajudante Conceição foi agraciado em 17 de junho de 1878 com uma medalha de prata, e os serviços que prestou em 18 de dezembro de 1878 por occasião do desmoronamento de Belem ajudando a roubar a uma morte quasi inevitavel um homem sepulto nas ruinas, fazendo o desentulho com perigo da propria existencia para tirar d'ellas os cadaveres dos infelizes operarios, victimas da horrivel catastrophe, grangearam-lhe uma outra medalha que lhe foi entregue em sessão solemne da camara municipal em 19 de janeiro de 1879.

As linhas que deixamos traçadas não são a biographia de Francisco Rodrigues da Conceição. Muito em seu louvor teriamos que dizer mas não nol-o saberia perdoar a modestia do illustre bombeiro. O que fizemos, foi passar em revista umas datas gloriosas da sua nobilissima carreira que lhe dá jus ao preito que se consagra aos benemeritos da humanidade.

Nós, só cumprimos um dever.

Soccorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINÇÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º antecedente)

Se o incendio é extenso e violento e sendo a cobertura aberta, atacar-se-ha do telhado visinho fazendo passar as mangueiras pelas escadas ou içando-as ao longo da fachada. Por meio de forquilhas e bicheiros, arrancam-se e atiram-se á rua as ripas, sarrafos e outras peças pequenas de madeira que possam communcar o fogo ás casas visinhas. Destruir-se-ha mesmo um plano do telhado se a violencia do fogo e a força do vento não permittem que d'outro modo se sustentem os progressos do elemento destruidor.

As principaes peças que se devem conservar nas asnas são os pontões, as vigas, os ponteiros e as traves de que se affastará o fogo, regando-as incessantemente: se no emtanto ellas soffreram muito com a acção do fogo, reforçar-se-ha com estais para prevenir o desabamento do telhado.

Ao contrario do que dissemos para os telhados de telhas ou louzas, a extinção das coberturas de colmo deve fazer-se com bombas que dêem á agua uma pressão sufficiente para penetrar na palha e ahí extinguir o incendio. Os telhados antigos são muito escorregadios e o bombeiro deve cercar-se de muitas precauções para n'elles se segurar. Ordinariamente monta-se no cume da casa proxima recuando e avançando conforme lhe é preciso, na mesma posição.

Para terminar a theoria sobre este genero de incendios, lembramos que sacrificando uma trapeira a tempo e a proposito, salva-se muitas vezes um bairro d'uma destruição certa.

Fogos de torres

Os incendios de torres pertencem aos mais perigosos e difficeis de extinguir. São o mais das vezes

ocasionados pelo raio attrahido pelas altas flechas que as encimam e pelas enormes peças metalicas de que estão providas. O logar mais ordinariamente affectado é nas proximidades da flecha principal: d'ahi o fogo passa de prompto ao travejamento e á camara dos sinos. Estes despenham-se ou fundem-se assim como os revestimentos massicos de chumbo ou zinco que abundam n'este genero de construcções.

Tem pois o bombeiro a receiar as graves queimaduras do metal fundido e ao mesmo tempo os ferimentos pela queda dos numerosos materiaes que se despeñham das alturas.

E' difficil applicar n'esta especie de fogos as regras ordinarias d'extinção, em vista do isolamento, da grande elevação e da construcção especial das torres. Para chegar ao ponto incendiado não ha á disposição senão uma escada em espiral estreita e escura por onde é impossivel de trazer uma escada de tres ou quatro metros de cumprimento. Os telhados pyramidaes são inacessiveis por causa da violencia do seu declive. Combater o fogo do solo, menos se pôde esperar quanto que se não possuam bombas e mangueiras d'uma força superior ás geralmente usadas. O unico meio é estabelecer, na proximidade do foco do incendio, bombas portateis ou reservatorios alimentados por uma bomba comprimente collocada na rua. D'esta estação intermediairia a agua é projectada contra o fogo com uma pressão conveniente.

O que sobre tudo importa é ver que um caminho de retirada fique sempre aberto para os bombeiros, porque os meios de prestar soccorros são muito limitados e muito incertos.

Para facilitar os trabalhos da especie de que vimos tractando, julgamos que tem todo o logar de serem tomadas primeiro que tudo as precauções seguintes:

1.º Iniciar alguns bombeiros nas particularidades da construcção e da distribuição das torres da localidade, na maneira como as mangueiras podem ser levadas, as bombas a braço installadas, as bombas de mão, os *extinctores* e os baldes transportados, n'uma palavra, todas as minudencias das manobras a executar em caso d'accidente. No ataque, esses homens e os que por profissão vão diariamente á torre, poderão guiar fructuosamente os outros trabalhadores e vencer muitos obstaculos.

2.º Fazer periodicamente manobras simuladas com agua, tendo em vista exercitar o pessoal e certificar-se dos meios de que se dispõe.

3.º Em cada torre collocar permanentemente e em logares, proprios provisões d'agua ou *extinctores*, bem como cordas alcatroadas munidas com uma boa roldana: fixar nos telhados, de distancia em distancia, fortes ganchos de ferro destinados a segurar as escadas, cordas etc. e a facilitar assim as manobras exteriores.

Fogos em médias de trigo, feno e armazens de forragens

As médias tem ordinariamente a fórma d'um cilindro, de pé sobre uma das bases, a outra base estando coberta por um chapéu conico formado com palha disposta ao cumprimento. O ar tendo para assim dizer livre circulação pela abertura, segue-se que esta é muito susceptivel de se consumir rapidamente. As camadas que formam as paredes do cilindro são mais comprimidas, mais apertadas e resistem tambem por mais tempo ao fogo. Muitas vezes só a sua superficie é atacada e arde lentamente.

Para proceder á extincção das mēdas, lança-se uma grande quantidade d'agua sobre a cobertura, porque quanto mais tempo esta existir, mais difficuldade tem o fogo de penetrar no interior. D'ahi o liquido corre em cascata sobre as partes lateraes onde extingue ou pelo menos diminue as chammas. O fogo que ainda haja no sitio onde a cobertura pousa sobre o cilindro e no contorno da mēda só offerece entāo uma fraca resistencia.

(Continúa).

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

Entra hoje no quinto anno da sua publicação **O BOMBEIRO PORTUGUEZ**. Conscio de que tem cumprido a sua missão, continuará a procurar merecer a benevolencia com que é acolhido.

Correspondencias

PONTA DELGADA, 18 DE MARÇO DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Os dias de carnaval passaram-se n'esta cidade notavelmente inspidos, e as noites tambem ameaçavam serem em extremo sensaboricas, visto que para aquella época nenhum passa-tempo se preparára, quando os bombeiros voluntarios, tendo em vista os interesses da sua associação e tambem alguma vontade de se divertirem, se lembraram de promover entre si recitas de amadores e um bazar de prendas, terminando os espectaculos por bailes de mascaras, cujos productos seriam applicados á compra de uma bomba, para serviço da corporação.

A idéa foi logo posta em execução e apesar da falta de tempo e das difficuldades que pareciam nascer a cada momento sob nossos pés, não obstaram a que fossemos ao fim, e transpondo todas essas difficuldades podēmos afirmar, sem receio de errar, que jámais nenhuma associação michaelense viu coroados de tão brilhante exito os seus esforços.

Era de um lado a direcção da *Sociedade Theatral Michaelense* a recusar-nos o edificio, de outro lado o commandante de caçadores 41 a prohibir aos musicos que levassem os instrumentos aos ensaios da orchestra, e emfim uma serie de factos semelhantes que seria intempestivo e fastidioso relatar aqui. Porém, todos os obstaculos se removeram, a direcção cedeu o theatro, se bem que a grande custo e por alto preço, esquecendo assim um dos artigos dos seus estatutos, que ordena «que para festas de caridade publica o edificio seja dado gratis».

Não será a missão do bombeiro assaz caritativa? Não será a causa a que se dedica um todo de abnegação, generosidade e philantropia? E trabalhando os bombeiros voluntarios de Ponta Delgada para adquirirem uma bomba que garantisse os seus habitantes contra o risco de fogo, não haveria n'esta sua idéa um fito de caridade, caridade esta que se não limitaria a estes ou áquelles individuos, mas sim a uma população inteira e que portanto teria duplo valor?

Parecia-nos que a direcção renegando os estatutos por que se rege e arbitrando-nos um imposto de 15 por cento sobre o rendimento *bruto* dos espectaculos, só desejava desviar os bombeiros do seu intento, mas não era assim: levou-a a exigir-nos tal pagamento o medo que tinha dos bailes de mascaras, pois receava que lhe deitassem abaixo o theatro, como acontecia aqui ha dez annos a esta parte, resultado da pouquissima policia porque eram vigiados os taes bailes.

Comtudo, não se realisaram as suspeitas que a direcção imaginou e os nossos bailes correram optimamente, reinando sempre a melhor boa ordem e decencia.

Ter-se-iam evitado alguns desgostos, tanto de um como do outro lado, se a direcção tivesse tido a franqueza de nos pedir que desistissemos dos bailes, o que de certo não recusariamos.

Apesar do occorrido, não podemos nem devemos, o que seria para nós uma falta imperdoavel, deixar de agradecer á digna direcção os numerosos obsequios com que honrou a corporação durante a sua festa, e pelos que lhe continua a dispensar ainda hoje.

Ao sr. commandante de caçadores, que só tinha dado semelhante ordem por ignorar o fim a que se destinavam aquelles espectaculos, cumpre-nos tambem agradecer-lhe a maneira attenciosa com que se portou com a associação, destruindo a ordem que prohibia a sahida dos instrumentos do quartel.

Renderam as recitas e bazar para o cofre dos bombeiros, um conto e dez mil reis (1:010\$000) captivos de despezas.

O desempenho da *Sombra do Sineiro*, tragedia burlesca, original do sr. José Ignacio de Araujo e do entre-acto comico, *O Amor Londrino*, não deixou nada a desejar dos curiosos que n'elle tomaram parte, quasi todos pela primeira vez; sendo, porém, entusiasticamente victoriado pelo publico o sr. Francisco José Coelho e Sousa, que, subindo ao palco pela primeira vez, soube tornar-se querido da platéa michaelense, que é um tanto exigente.

Agradaram tambem em extremo os srs. Maximino Dias Rego, Filomêno Bicudo, Arão Cohen e Ignacio Ribeiro Alves, que pela sua intelligencia conservaram os espectadores n'um estado continuo de riso convulsivo.

São dignos dos maiores louvores os membros da commissão encarregada dos trabalhos dos festejos, tornando-se dignos de especial menção os srs. Barão da Fonte Bella, Barão da Fonte Bella (Jacintho) Dr. Ernesto do Canto, Manoel Joaquim Tavares, Antonio Tavares Netto e José Maria da Costa e Silva, sendo este ultimo um dos cavalheiros a quem a associação deve tantos obsequios que todos os elogios que têm em seu louvor, serão pouco em vista do que fez em favor dos bombeiros, mostrando-se sempre infatigavel e prompto para acudir a qualquer embaraço que nos apparecesse.

Não deixa tão pouco a corporação de mostrar-se intimamente reconhecida para com os ex.^{mos} snrs. Francisco Peixoto da Silveira e Dr. Pereira Athayde, que não sendo bombeiros voluntarios, se prestaram a

auxiliar a corporação em tudo o que se achava ao seu alcance.

Depois de liquidadas as contas, enviaremos nota exacta do producto liquido dos espectaculos e bazar.

Projecta a associação dos bombeiros voluntarios dar algumas recitas em beneficio das victimas occasionadas pelos ultimos terremotos e vendavaes, que ultimamente deixaram gelados de frio e fome grande numero dos habitantes das povoações do norte da ilha.

Escolheram para aquelle fim o *Santo Antonio*, que já entrou em ensaios.

Para a viagem seguinte daremos conta do que houver a tal respeito.

Não recebemos hoje a costumada carta do nosso zeloso correspondente da capital.

O incendio do Printemps

A' noticia que démos no nosso numero passado acerca do incendio que reduziu a um montão de escombros os elegantes e sumptuosos armazens do *Printemps*, acrescentamos hoje os seguintes promenores.

O fogo declarou-se no primeiro andar, no armazem dos tapetes estabelecido perto do armazem das rendas, pelas cinco horas e meia da manhã.

As pinturas a que ultimamente se procedera para a exposição das novidades do estio não estavam ainda seccas e a chamma que lambia os muros, os tabiques e as prateleiras, achou um poderoso elemento.

Em alguns minutos, o armazem das rendas e cachemiras estava em chammias e o vigia que acabava de dar pelo perigo, acordava toda a gente gritando:— Fogo!

São mandados immediatamente despachos telegraphicos á prefeitura da policia e a todos os postos de sapadores-bombeiros.

Os bombeiros da rua Blanche são os primeiros a chegar ao local do sinistro. Seguem-nos os do quartel do Chateau d'Eau. Finalmente os do estado maior com o coronel Paris á frente, apparecem ás seis horas e quarenta e cinco minutos, trazendo consigo duas bombas a vapor.

O despacho pedindo soccorros chegou á prefeitura ás cinco horas e cincoenta minutos. Decorreram pois cincoenta e cinco minutos entre o momento do pedido e o da chegada das bombas a vapor.

Organisam-se immediatamente os soccorros. As bombas são postas em bateria em alguns minutos e uma torrente d'agua começa a combater o destruidor flagello.

Faz progressos immensos o fogo apesar de activamente combatido.

Os pavimentos incendiados são depressa um enorme braseiro.

As torrentes d'agua projectadas sobre o fogo parecem activar a intensidade das chammias.

A's nove horas menos um quarto, o fogo parece acalmar. Redobram os esforços dos bombeiros. No interior do edificio ouvem-se estrondos sinistros. São os andares que se desmoramam.

A's nove horas um estrondo mais espantoso se faz ouvir. Acaba de desmoranar-se todo o interior dos armazens.

Parece que os escombros abafam as chammias. Para lá se dirigem todos os esforços das bombas braças e de vapor.

A fachada do lado da rua de Provence abate ás nove horas e vinte e cinco minutos. Derroca-se a seu turno a fachada do lado do *boulevard* Haussmann.

Na rua do Havre, uma parte da casa, do telhado até ao segundo andar, alúe, parte para o interior, parte para a rua.

Está em ruinas o pavilhão onde era a porta da entrada.

Tudo aquillo é espantoso e ao contemplar as ruinas comprime-se o coração dos espectadores.

Tem n'este momento as chammias um poder extremo. Escapa-se, com um silvo sinistro por todas as aberturas e atravessando a rua de Provence, veem lamber as frontarias das casas visinhas.

Voam em estilhaços os vidros do *New-England*. Ateia-se o incendio em duas casas visinhas.

A madeira crepita, o ferro torce-se.

No meio d'uma nuvem de fumo negro e faiscas, receia-se que sejam presas do fogo as casas comprehendidas entre as ruas de Provence e do Havre, *boulevard* Haussmann e a rua Camartin.

Veem-se nas nuvens de fumo, massas de papeis, retalhos d'estofos, de cachemiras, de sedas meio queimadas que levadas pelo vento, veem cabir sobre as casas que lhe estão proximas.

Do lado da rua de Provence confrange o coração o aspecto dos pavimentos incendiados.

No quarto andar está suspensa uma varanda sobre um immenso boqueirão. Os muros estão calcinados e fendidos. As janelas escancaradas.

E' conhecida a admiravel dedicação dos bombeiros de Paris. Um d'elles Aaur, e não Avauz, como dissemos no nosso numero passado, morreu sepultado no primeiro andar debaixo do tecto incandescente do segundo, que com horrendo estrepito cahiu sobre a sua cabeça. Quando se pôde extrahir dos escombros não sem perigo, já tinha carbonisadas as extremidades inferiores e cobriam-lhe a parte superior do corpo horrosas queimaduras. Transportado immediatamente ao hospital Beaujon pelos seus camaradas alli falleceu immediatamente. Sepultou-se no cemiterio de Montparnasse, tendo, como bem diz um jornal, honras romanas.

Paz ao benemerito cidadão que teve a morte dos bravos.

Além do desventurado Aaur foram victimas tambem do terrivel incendio mais doze pessoas das quaes quatro bombeiros que todos soffreram ferimentos de mais ou menos gravidade.

Os armazens do *Printemps*, construidos segundo os planos dos architectos Paulo e Pedro Sedillé, tinham sido inaugurados em 1864 e reformados com singular magnificencia em 1871 e 1876 e eram além d'isso uma vasta colonia d'empregados, pois n'elles trabalhavam e viviam 800 individuos d'ambos os sexos.

O proprietario, o sr. Jaluzot e não Yaluzot, como dissemos, procura estabelecer-se n'um local apropriado em que possa não só aliviar quanto lhe seja possível a sorte dos seus empregados que teem encontrado na população de Paris viva sympathia, mas também ordenar os seus negocios com as avultadas encomendas que havia feito antes da terrivel catastrophe que lhes reduziu a cinzas os seus magnificos estabelecimentos. Mr. Jaluzot tomou uma parte muito activa no comité dos soccorros para os inundados de Murcia.

Paris inteiro rende homenagem á dedicação dos seus bombeiros. Levada por esse sentimento, a camara dos deputados, votou, afinal, a urgencia sobre uma proposta de mr. Farcy, que tende a fazer adoptar a seguinte lei:

«Todo o cidadão francez que morreu concorrendo para a salvação n'um incendio, o medico que morreu nos hospitaes tractando uma doença epidemica, a pessoa que morreu tentando salvar a vida a um seu semelhante, será considerado como morto no campo d'honra e deixará a sua viuva ou aos seus filhos uma pensão igual á do soldado que morreu no campo da batalha, isto é, o dobro da pensão ordinaria.»

Em todos os codigos de todas as nações, ha muito que deveria haver semelhante disposição, que é simplesmente, um dever.

A maior parte dos jornaes de Paris são concordes em que o incremento do incendio do *Printemps* foi principalmente devido á demora na comparencia dos soccorros e á falta das necessarias boccas de incendio que alimentassem as bombas a vapor. O coronel Paris, chefe dos bombeiros, ha muito que fizera as suas reclamações ao Conselho Municipal. Vão agora ser satisfeitas. Em Paris, como em toda a parte só se remedeia, não se previne o mal.

Incendio n'um theatro

No dia 22 do passado, foi presa das chammas o theatro de Nice.

Sobre essa horrorosa catastrophe retiramos dos jornaes estrangeiros os seguintes promenores:

«O theatro municipal, onde se cantava opera italiana em toda a estação de inverno, tem a frontaria na rua de S. Francisco de Paula. Os artistas entravam no edificio por uma viela que vae d'aquella rua ao mar, e os seus camarins diziam para o caes. As janellas que os illuminavam são de proporções excessivamente exiguas. O theatro era uma velha construcção sem estylo e cujos corredores e portas deitando para a rua eram de todo o ponto insufficientes.

«Annunciara-se para hontem um sarau de gala, destinado á ultima representação de Bianca Donadio, na «Lucia di Lammermoor».

«O theatro abriu-se ás 8 1/2 horas, e os espectadores dos logares baratos deram-se pressa em occupal-os, subindo para os andares superiores.

«Quatro camarotes e a platêa principiavam a guardar-se de espectadores. O panno cahia sobre o primeiro acto da «Lucia». Ao cabo de alguns minutos ouviu-se um estampido, e não tardou que as chammas invadissem toda a scena. Gritos de *fogo! fogo!* partiram de todos os cantos do theatro, e espectadores e artistas foram presa de maximo terror.

«Seguidamente rebentavam novas explosões, e ficava toda a sala n'uma escuridão completa.

«Descrever o que succedeu é impossivel. Os clarões formidaveis do incendio, que se propagava com uma rapidez terrivel, permittiam entrever alguns pobres artistas que atravessavam a scena, loucos de pavor, em busca de sahida que a labareda lhes cerrava de todos os lados.

«Na sala, o publico das galerias precipitava-se de roldão pelas escadas tortuosas para os corredores, com uma selvageria feroz.

«As mulheres e as creanças eram atropelladas; não se ouviam senão os brados de terror e desespero de todos estes infelizes, que luctavam por salvar a vida e que se sentiam morrer asphyxiados pelo fumo ou esmagados sob os pés dos seus visinhos.

«Fôra, o espectáculo era não menos desolador. Apesar da promptidão dos soccorros, o fogo era intensissimo, e os artistas, os coristas todo o pessoal do theatro, emfim, corria um perigo imminente. Viam-se agglomerações de pessoas suspensas das janellas, e, victimas do fogo ou da asphyxia, cahir mortas sobre o solo.

«Os bombeiros e as tropas da guarnição tinham affluído ao local do sinistro.

«A nova do incendio chegou depressa ao porto de Villefranche, e as companhias de desembarque dos navios acudiram immediatamente com as bombas da marinha.

«Bianca Donadio foi surpreendida pelo grito de *fogo!* quando ia a sahir do camarim para entrar em scena. Aterrada, a cantora salvou-se através das chammas e foi conduzida ao seu hotel, onde teve uma violenta crise de nervos.

«Strakosch, seu empresario, ficou ligeiramente ferido n'uma perna.

«Dois officiaes de marinha receberam ferimentos nos braços e pernas.

«O coronel Fischer, do 411.º de linha, que estava n'um camarote com sua mulher e suas filhas, só a muito custo vingou salvar-se. O sabre do coronel foi encontrado fundido pelo fogo.

«A's 10 horas o incendio estava quasi dominado.

«Quando os bombeiros, soldados e maritimos poderam penetrar no theatro, o espectáculo era horripilante: havia lá um montão de cadaveres negros, informes, alguns d'elles quasi totalmente carbonizados. Eram os corpos dos espectadores das ultimas galerias, os quaes, cegos, abafados pelo fumo, irromperam com impeto por esses apertados degraus, que, mesmo em tempo ordinario, é difficil descer no final dos espectaculos

«Homens, mulheres e creanças, engalfinhados uns aos outros, haviam-se precipitado n'aquelle estreito espaço.

«As escadas estavam a tal ponto obstruidas, que foi difficil tirar os primeiros cadaveres.

«A's 3 horas da manhã, foram trasladados sessenta e dois para a igreja de S. Francisco de Paula e para um salão da casa da camara. Poucos estavam queimados. No rosto e na postura liam-se-lhes as angustias da mais atroz agonia.

«Retirou-se de entre elles um grupo composto de pae, mãe e um pequeno. Estavam violentamente abraçados. A pobre creança tinha uma laranja na mão direita, crispada. Era pungentissimo.

«Todos os cadaveres que se tiraram dos escombros foram transportados ao cemiterio do velho castello.

«E' ali que os seus parentes e amigos vão reconhecer-os.

«Um dos mortos é Cottoni, o basso da companhia, que foi asphyxiado no momento em que ia para sahir.

«O cadaver de Bus, de Avinhão, presidente da Sociedade do commercio, bem como os de sua mulher, sua cunhada e seu sobrinho, foram reconhecidos.

«Pereceu tambem um dr. allemão, Arend, de Cans-tad.

«Uma mulher, cuja cabeça não é mais que um pedaço de carvão, mostra ainda os seus bellos braços bem modelados, e cobertos de umas luvas de vinte botões. Este cadaver, de uma senhora sem duvida amada, não foi reconhecido.

«Julga-se que amanhã, seguidamente ao desentulho do theatro, se terão encontrado mais de cem cadaveres.»

Simplemente horroroso.

Chronica Quinzenal

Metade da quinzena passada, o enthusiasmo politico pela queda do ministerio, ensurdeceu-nos e moeu-nos a paciencia com os foguetes e hymnos.

O foguete e o hymno são a manifestação genuina e porventura mais completa do espirito e da alegria nacional. O povo que assiste á queda d'uma situação e que vê subir outra, esquece-se de que isto significa que um alcacruz da nôra constitucional subiu igual ao que desceu, embevecido com o estrondear do foguete, com o *charivari* da banda.

O povo ha-de ser sempre a eterna creança. Ingenho e simples custa-lhe a perceber que os vidros côrados da lanterna magica da politica reflectem todos, os mesmos individuos, quer sejam diáphanos como o sr. Brancamp, quer opacos como o sr. Sampaio ou o sr. Arrobas.

N'um recinto do largo da Aguardente verificou-se no domingo passado um *meeting* republicano. Alves da Veiga, Augusto da Rocha, Magalhães Lima e Manoel d'Arriaga esforçaram-se por convencer um numeroso

auditorio de curiosos, da ruindade do tractado de Lourenço Marques, tractado contra o qual todos berram e que ninguém conhece, e da excellencia da republica.

Prêgaram suas excellencias, desculpem-me a fraze, aos peixinhos. O nosso povo, que não está na altura de comprehender o que os illustres oradores lhe disseram, correspondeu aos seus *vivas* e a isto limitou a sua adhesão ao systema republicano. Portugal para ser republicano precisa do livro, do jornal, da escola, e esses comicios á *Varia aberta*, ainda mesmo que tenha a magestade do trovão a tornal-os solemnes, como no caso presente, não produzirão nunca o effeito desejado. Ensinem a lêr o povo e republicanisem-n'o depois.

N'um salão do Palacio de Crystall o Centro Artístico Portuense exhibiu a sua primeira exposição dos trabalhos artisticos dos seus consocios e d'alguns professores e amadores.

A exposição que está longe de ser completa, significa já um grande passo e de certo que as subsequentes exposições hão-de ter a importancia que ainda assim não falta áquella de que vimos fallando.

Na secção da architectura estão expostos trabalhos dos srs. Thomaz Soller, Marques Guimarães, Silva Pereira, Costa Guimarães, Aguiar dos Santos, Adolpho Nunes e João Nogueira.

A planta da cobertura metallica do pateo do edificio da Bolsa que apresenta o nosso talentoso amigo o sr. Thomaz Soller é em verdade um trabalho notabilissimo.

Na secção de escultura ha excellentes trabalhos, como o retrato de uma filha do sr. Delfim Guedes, executado pelo sr. Soares dos Reis, uma cabeça de criança do mesmo esculptor, e uns medalhões do sr. Simões d'Almeida.

Concorreram tambem a esta secção os srs. Simões d'Almeida, Vermell e outros. Em escultura decorativa apresentam apreciaveis trabalhos em gesso e talha os srs. Luiz Meira e Zeferino José Pinto.

Em pintura ha quadros dos srs. Katzenstein, Silva Porto, Monteiro Ramalho, Arthur Loureiro, Christino da Silva, João Yaz, Marques d'Oliveira, Custodio Rocha, visconde da Trindade (José) D. Henriqueta Pauly e outros.

Tambem estão expostos alguns trabalhos de gravura em medalhas e em madeira, de photographia, de pintura em ceramica em que figuram alguns pratos pintados pelas sr.^{as} D. Maria Feliciano Ramalho Ortigão e D. Bertha Ramalho Ortigão.

Ha ainda bellos trabalhos em vidro, metaes, estofos, bordados, mobilia, etc.

A exposição merece muito vêr-se.

No edificio da Bolsa, a Sociedade de Geographia Commercial realisou uma nova conferencia onde o sr. Augusto Malheiro Dias discorreu com a proficiencia que todos lhe reconhecem, acerca da influencia das pautas aduaneiras na industria nacional.

A sua exposição ouvida com a atenção e apreciada como merece, termina com as seguintes conclusões :

As pautas, organisadas segundo o protecçãoismo, enervam o desenvolvimento da industria de um paiz, atrophiando o commercio; a pauta, que é um padrao para o consumidor, alimenta a immoralidade; o tractado de 1867 representa valiosos beneficios: n'uma reforma que se pretenda realisar, deve ter-se em vista a transformação operada ultimamente em Hespanha; n'essa reforma cumpre modificar os encargos sobre as materias primas.

Não concordou com essas conclusões o sr. Antonio da Silva Pereira de Magalhães a que replicou o sr. Manoel Rodrigues de Miranda Junior.

N'uma sessão especial se discutirá a memoria, base da controversia.

Bem merece do paiz a Sociedade de Geographia Commercial pelos relevantes serviços que lhe está prestando.

No dia 19 do passado, realisou-se no theatro Baquet a estreia da companhia dramatica dirigida pela distincta actriz Emilia Adelaide.

Representou-se como tinhamos annunciado o drama realista de Zola, *Thereza Raquin*. O publico que esperava peça que dêsse escandalo pelo seu realismo, enganou-se na sua expectativa. A *Senhora Angot*, a *Perichole* e tantas outras operetas que ali vimos todos os dias são bem mais escandalosas que o drama em questão, que sem servir de modelo para drama realista pois que tem lances e situações de flagrante inverosimilhança, é comtudo um trabalho notavel, vigoroso e brilhantemente escripto.

Assim é pouco natural que uma paralytica mova uma das mãos só para traçar uns nomes e volte á sua immobilidade d'onde de novo sae no final do drama, cujo final é a nosso ver tambem muito inverosimil.

Thereza Raquin mostra em lances e scenas delineadas por mão de mestre os remorsos e consequencias do crime que levou uma mulher para os braços d'um amante que é levado a assassinar o marido que é obstaculo aos seus damnados intentos.

A distribuição dos papeis do drama de que vamos fallando foi a seguinte :

Thereza Raquin—Emilia Adelaide; *Senhora Raquin*—Emilia Eduarda; *Suzana*—Palmira; *Laurent*—Luciano; *Camillo*—José Ricardo; *Crinel*—Adelino Veiga; *Michaud*—Pires.

Emilia Adelaide foi a artista de superior e elevado talento que nós temos admirado tantas vezes. A interpretação que deu ao papel de *Thereza*, foi em verdade notavel.

Emilia Eduarda houve-se distinctamente e apresentou-nos um typo completo. O terceiro e quarto acto são uma manifestação bem evidente do seu talento.

Palmira, uma artista gentil, houve-se discretamente. Novel na scena, revelou notavel disposição.

Luciano, conduziu-se de modo a que o publico lhe fizesse justiça, applaudindo o seu trabalho no difficillimo papel de *Laurent*, em que muitos actores sossobriariam. Porte distincto, voz insinuante e talento que dia a dia se ha de ir manifestando, farão de Luciano um actor distincto.

José Ricardo, Adelino Veiga e Pires, tambem merecem menção pelo modo discreto como disseram os seus papeis.

O desempenho do drama foi pois bom e o publico applaudiu calorosamente, especialmente a protagonista a quem fez uma ovação.

A concorrência tem sido grande e a *Thereza Raquin* logrou grande acceitação.

Artigo 3.º, Capitulo 1.º, foi uma bonita comedia de sala em que se estreiou n'este theatro Maria Carolina, intelligente e sympathica actriz a quem o publico deu inequivocas provas de agrado. José Ricardo, artista de superior intelligencia e estudioso disse com muita graça o seu papel, havendo-se tambem Luciano d'uma maneira distincta no desempenho d'esta comedia.

Hoje dar-se-ha pela primeira vez a comedia de Victorien Sardou, *Dora*.

Está tambem em ensaios a comedia, *Ouros, copas, espadas e paus*.

No dia 26 do corrente realisou-se no theatro Baquet o spectaculo em beneficio do malogrado actor Soller.

Emilia Adelaide, Palmira, Taborda, Luciano, Miguel Angelo, Marques Pinto e Nicolau Ribas abrilhantaram com o seu talento o spectaculo.

Emilia Adelaide recitou brilhantemente a *Judia* de Thomaz Ribeiro. Taborda fez o seu immortal *Amor pelos cabellos* e conjunctamente com Palmira e Luciano o *Tio Torquato*. Marques Pinto, Ribas e Miguel Angelo deram-nos umas variações da *Favorita*. Todos foram calorosamente applaudidos especialmente o bisarro Taborda e Emilia Adelaide.

Uns curiosos deram um drama que alongou o spectaculo. Foram ouvidos pelo publico com a benevolencia a que lhe dá direito a sua apreçoada benemerencia.

Emilia Eduarda recitou d'um camarote uma poesia que foi bisada. D'outro camarote surgiu um poeta que não conhecemos.

A casa estava repleta. Deve ter produzido uma receita consideravel em muito augmentada pela venda da cadeira que nos é reservada n'aquella casa d'espectaculos e que nos foi amavelmente retirada n'essa noite quando a procuravamos, dispostos a pagal-a pois que tambem desejavamos contribuir consoante as nossas forças para minorar a desventura do artista cuja desgraça foi exposta ao publico não sabemos a que proposito e por duas vezes. Achamos a exposição exquisita e quasi barbara.

Ao que nos consta foram tambem retirados n'essa noite os bilhetes da redacção da *Lucta*. Ao menos não constavam d'uma relação que nos foi mostrada e onde se viam os contemplados. Fomos ambos para as fêras. Paciencia.

No theatro do Principe Real effectuou-se hontem o beneficio do actor Amaral, artista geralmente apreciado e bemquisto e muito digno a todos os respeitos das sympathias do publico que o acolheu condignamente na noite da sua festa.

Representou-se a comedia em tres actos *As redeas do governo*, vertida livremente do hespanhol pelo sr. Rebello da Silva. A comedia manteve o publico em constante hilaridade sendo os actores encarregados do

desempenho muito applaudidos, principalmente o beneficiado e Maria Joanna que se houve muito discretamente.

Completo o espectáculo *As cerejas* comedia já conhecida.

O gerente da empresa d'este theatro o nosso amigo Augusto Garraio, faz beneficio com a opereta do *maestro* Audran, *Marcotte* e o actor Diniz com o drama o *Cerco de Granada*.

O beneficio da actriz Manzoni, com o *Doutor Piccolo* (*Le Pompon*) ficou transferido para o dia 16 de abril.

Deve debutar amanhã no circo d'este theatro a companhia equestre, gymnastica, acrobatica e comica de D. Rafael Diaz. Dará dez unicos espectaculos. A companhia vem precedida de lisongeira fama e ao que nos consta encontram-se n'ella artistas de subido merecimento no seu genero.

Veremos e fallaremos.

No theatro da Trindade, *Os padres malditos*, o *Barbeiro de Sevilha*, *O que é o mundo*, *O homem de barro*, e ainda o *Processo do Rasga* tem chamado áquelle popular theatro numerosa concorrência.

Entrou em ensaios *O processo do vinho verde*, escripto por dois *borguistas d'uma canna só*.

31 de março.

R. S.

Varias noticias

Está n'esta cidade o sr. Augusto Lobato, distincto bombeiro voluntario de Belem.

No dia 27 do passado foram eleitos por unanimidade em assembleia geral dos socios activos da Real Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, dez individuos que vão fazer parte da brigada que aquella associação vae estabelecer na Foz.

Está em via de restabelecimento o nosso amigo o sr. Antonio Joaquim da Encarnação, bombeiro voluntario d'esta cidade, a quem um impertinente incommodo tem no leito ha cerca de dois mezes.

Está ainda vago o lugar de primeiro patrão do corpo de bombeiros municipaes de Lisboa, por fallecimento do bombeiro José Antonio da Silva. O preen-

chimento d'esta vaga traz a promoção entre os aspirantes mais antigos.

Ao que lemos n'um periodico vae reorganisar-se em Braga a Companhia de Voluntarios no que se empenha o sr. Antonio Joaquim Pereira de Moraes.

Estimamos que o comsiga.

PUBLICAÇÕES

JORNAL DO DOMINGO

REVISTA UNIVERSAL

Redactores — Eduardo Garrido, Francisco Palha, Gastão Mesnier, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Serpa Pinto.

Collaboradores — Alberto Pimentel, Alfredo Ribeiro, Alfredo Escragnoille Taunay, (Brazileiro), Antonio de Castilho, Antonio Gomes, Assis de Carvalho, Anthero do Quental, Brito Aranha, Fernandes Costa, Eduardo Coelho, Gastão da Fonseca, Geraldo De Vecchi, Gervasio Lobato, Gomes Leal, Guilherme d'Azevedo, Jayme Batalha Reis, João Pedeschi, José Antonio de Freitas, José Maria Eça de Queiroz, José Maria de Souza Monteiro, Julio Cezar Machado, Luciano Cordeiro, Luiz Guimarães Junior (Brazileiro), Magalhães Lima, Machado d'Assis (Brazileiro), Paulo Porto Alegre (Brazileiro), Rangel de Lima, Raymundo Bulhão Pato, Rodrigo Affonso Pequito, Salomão Saragga, Salvador Marques, Sousa Viterbo, Tito de Carvalho, etc.

Viagens aereas, terrestres e maritimas; Litteratura, Biographias, Chronica da semana, Historia, Sciencia, Romances, etc.

A publicação illustrada mais barata de Portugal.

50 REIS CADA NUMERO

Oito paginas e quatro magnificas gravuras.

Representante da empresa no Porto — LIVRARIA CIVILISAÇÃO, rua de Santo Ildefonso n.º 10.

O *Bombeiro Portuguez* annuncia todas as publicações de que lhe fôr enviado um exemplar.

ESPECTACULOS

CIRCO DO PRINCIPE REAL. — Estreia da Companhia equestre, acrobatica, gymnastica e comica de D. Rafael Diaz e dirigida por D. Henrique Diaz. — A's 8 horas.

A Companhia dará dez unicos espectaculos sendo um em cada noite.